

bruxa rebelde
série mariposa escarlata, livro 2
kristen ciccarelli

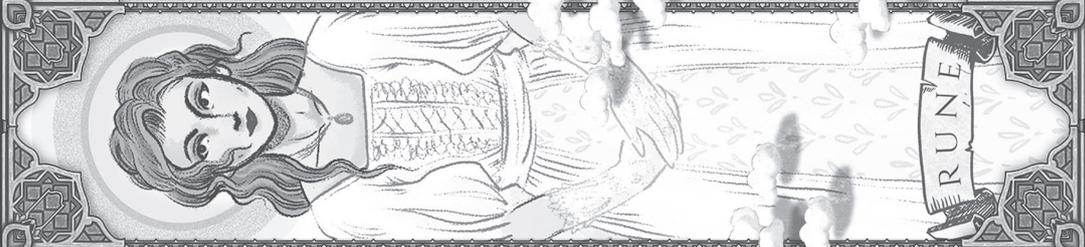
Tradução de Sónia Silva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

**PARA OS BRAVOS QUE
ILUMINAM O CAMINHO.**

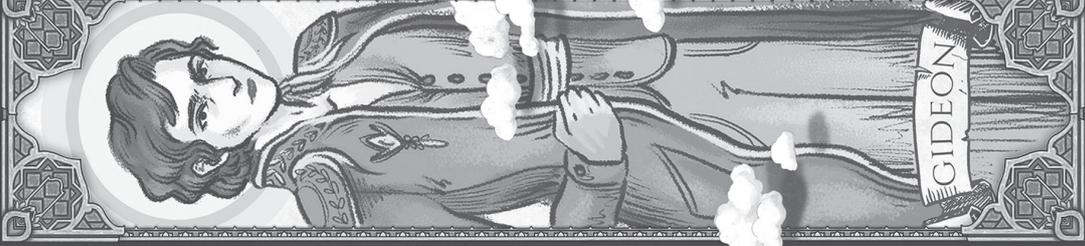


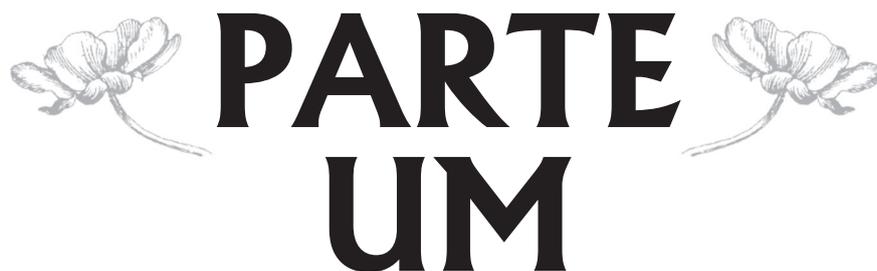


ÁGUAS VASTAS DO NORTE



A NOVA REPÚBLICA





PARTE UM

No princípio, havia apenas escuridão. Até que as Sete Irmãs riram e um mundo explodiu em existência. As irmãs caminharam sobre as suas ondas e esculpiram as suas margens. Sopraram vida em todas as coisas e entrelaçaram o mundo com amor, bondade e beleza.

Mas não podiam ficar para sempre. Antes de partirem, escolheram um punhado de eleitos para velar pelo mundo na sua ausência. Para que estes guardiões pudessem amar e proteger a sua criação, as Sete Irmãs deram-lhes um dom.

O dom da magia.

E depois, como uma chama apagada pelo vento, desapareceram.

MITO DA CRIAÇÃO DO
CULTO DAS ANCIÃS



UM

GIDEON

Gideon puxou o casaco do uniforme roubado. O tecido verde-floresta era rígido, como se nunca tivesse sido usado o suficiente. O pobre guarda a quem o tirara estava, naquele momento, inconsciente e amarrado dentro de um armário de provisões, no terceiro andar do Palácio de Larkmont. Outros quatro guardas não tiveram tanta sorte. Os seus corpos flutuavam agora nas águas geladas do fiorde.

Não tivera escolha.

Gideon estava em pleno território inimigo. Se fosse descoberto, estaria melhor morto.

Os seus pensamentos eram um contraste sombrio com o brilho do salão de baile onde se encontrava. Os instrumentos musicais zumbiam enquanto se aqueciam, preparando-se para o recital privado que estava prestes a começar. Lustres piscavam por cima, enquanto serviçais serpenteavam entre os convidados resplandecentes no salão do Príncipe Soren, oferecendo um último brinde antes do início da música.

Enquanto Gideon permanecia junto à parede, a observar a sala como os outros guardas, o seu olhar fixou-se no alvo: a bela rapariga de vestido dourado.

Rune Winters.

O Príncipe Soren estava ao lado dela, com a palma da mão pousada na curva das suas costas. O príncipe umbriano vestia um fato impecável, com o brasão prateado da sua família bordado na capa que lhe caía elegantemente sobre um ombro. O seu olhar faminto deslizava pelo vestido de Rune, convidando os seus amigos ricos a fazerem o mesmo.

O sangue de Gideon fervia enquanto os observava.

Era um belo vestido — não podia negar. Feito por algum estilista famoso, devia ter custado uma pequena fortuna. Mas não era *Rune*. O dourado não lhe assentava bem e o corte era demasiado severo. O decote em V descia até poucos centímetros acima do umbigo e terminava na base da coluna, transmitindo uma mensagem clara:

Olhem para ela. É minha.

O príncipe queria que os seus convidados admirassem a bela bruxa ao seu lado. Para Soren, Rune era uma criatura exótica. Um artefacto vivo que estava determinado a adicionar à sua coleção.

Se as informações de Harrow estivessem corretas, o príncipe pedira Rune em casamento há uma semana. E ela aceitara, com uma condição: se Soren a quisesse como esposa, teria de dar a Cressida um exército.

Foi por isso que Gideon se ofereceu para esta missão.

Com um exército, Cressida iria travar guerra contra a Nova República. Se vencesse, restauraria o Reinado das Bruxas e mais pessoas morreriam.

Gideon não podia permitir que isso acontecesse. Enquanto Rune fosse a chave desta aliança profana entre Cressida e Soren, ele não podia deixá-la viver.

Tinha ordens para matar e iria cumpri-las. Ali. Naquela noite.

Passara a noite inteira à espera de uma oportunidade. Encostado à parede do salão de baile, a suar dentro daquele uniforme roubado, observava Rune a namoriscar com o seu noivo. Observava Soren a corresponder: tocando-a com mãos famintas, devorando-a com olhos arrogantes.

Estava a pôr-lhe os nervos em franja.

Alex mal tinha sido enterrado, e Rune já estava noiva de outro homem. Nada menos que um príncipe.

Será que era isso que ela queria desde o início — um príncipe?

Fora um tolo em pensar que alguma vez tivera uma hipótese.

Gideon levou a mão à arma presa ao cinto. Estava pronto. Mais do que pronto. Só precisava do momento certo...

— Sentes saudades de casa?

Gideon percorreu com o olhar o círculo de convidados em torno de Rune e Soren até que encontrou a autora da pergunta: uma jovem de cabelo dourado entrançado numa coroa.

Rune riu-se.

— É possível sentir saudades de um lugar onde todos te querem morta?

Gideon viu-a encostar a taça de champanhe aos lábios vermelhos e beber o último gole.

Era a terceira bebida dela naquela noite.

Não que Gideon estivesse a contar.

— Como era antes da revolução?

— Nós, bruxas, já vivemos como vocês vivem agora — respondeu Rune, gesticulando para o grande salão em que estavam, onde os lustres

cintilavam e colunas de mármore sustentavam um teto pintado. — As nossas vidas eram repletas de música, beleza, arte...

Sim, pensou Gideon. *E os vossos luxos vinham à custa do nosso sofrimento.*

O zumbido e o murmúrio dos violinos cresceram. Gideon olhou para o outro lado da sala, onde os convidados começavam a sentar-se em frente aos músicos.

— Esse modo de vida foi-nos roubado na noite em que Gideon Sharpe liderou um grupo de revolucionários até ao palácio.

Ao ouvir o seu nome nos lábios dela, a atenção de Gideon voltou imediatamente para Rune.

— Ele assassinou duas rainhas nas suas camas, enquanto os seus camaradas massacravam o resto de nós nas ruas. Ter-me-ia deixado morrer também, se a Cressida não me tivesse salvado.

Gideon cerrou o maxilar. *Estás a contar só metade da história, querida.*

— Deve ser dilacerante — disse o príncipe, enquanto os nós dos seus dedos roçavam lentamente as saliências da coluna de Rune. — Estar tão longe, sabendo das coisas horríveis que estão a acontecer lá... Estou feliz por estares livre disso.

Os braços de Soren deslizaram-lhe pela cintura, num gesto que poderia ser de conforto, mas que lhe pareceu mais um aviso: Rune era *dele*.

Gideon moveu os ombros, forçando-se a relaxar.

— As bruxas continuam a ser massacradas apenas pelo crime de serem o que são — disse Rune, fitando o copo vazio enquanto permanecia nos braços de Soren. — Nunca serei livre enquanto cada uma das minhas irmãs não for também.

O zumbido dos instrumentos cessou e um anúncio ecoou: o recital ia começar.

Um a um, os convidados dispersaram-se, dirigindo-se aos músicos.

Entrelaçando os dedos nos de Rune, Soren puxou-a na direção dos seus lugares. Mal tinham dado dois passos quando a primeira melodia começou, e os pés de Rune vacilaram.

Gideon observou-a a estacar.

— Está tudo bem? — perguntou o príncipe, voltando-se para ela.

Enquanto a música se elevava, Gideon olhou para os músicos. A música era-lhe familiar. Mas porquê, não sabia.

— E-eu preciso de retocar a maquilhagem. — Rune esforçava-se para se recompor. — Volto já...

— Não sejas ridícula — disse Soren. — O concerto já começou. — Baixou a voz. — Este recital é para *ti*, Rune. Para celebrar o nosso noivado. Tens de estar aqui.

Os dedos do príncipe apertaram os dela com mais força.

Os olhos de Gideon estreitaram-se. O seu corpo retesou-se como uma mola ao ver Soren arrastá-la para mais perto da música. A mesma de que ela tentava afastar-se.

— Eu preciso... — Rune tentou soltar a mão. Quando Soren a agarrou com mais força, recusando-se a deixá-la ir, Gideon deu um passo em frente. Os guardas, dez passos ao lado, olharam na sua direção, lembrando-o de que estava rodeado de inimigos. Não podia chamar as atenções.

E, de qualquer forma, Rune não precisava de ser salva. Isso ficou claro quando ela se colocou diretamente à frente de Soren, bloqueando-lhe o caminho.

— Prometo que não perco muito — disse, elevando-se na ponta dos pés para lhe rodear o pescoço com os braços pálidos e roçar-lhe os lábios na face. Quando a mão livre do príncipe lhe pousou na anca, apreciando-lhe a curva, ela acrescentou: — Mais tarde, quando o recital acabar e os convidados se forem embora, tenho uma surpresa especial para ti.

O coração de Gideon caiu com essas palavras. Ao ver Soren deslizar os dedos pelo maxilar de Rune, todo o seu corpo se petrificou.

— Algo especial? — murmurou o príncipe, inclinando-se para lhe beijar os lábios.

Rune enfiou a mão no cabelo castanho dele e correspondeu ao beijo, dando-lhe um vislumbre do que estava por vir. Soren puxou-a para mais perto, e Gideon soube que não era a primeira vez. Houve outros beijos. Provavelmente, mais que beijos.

A percepção despertou algo nele. Algo trémulo e doloroso. Uma angústia que se lhe enredou nas costelas, ameaçando afundá-lo no oceano.

Chega.

Alcançou a pistola.

Mas antes que pudesse agir, Rune escapou-se do aperto de Soren.

— Acho que vais gostar da minha surpresa — disse, com as faces coradas ao recuar. — Vê se consegues adivinhar o que é enquanto eu estiver ausente.

Rune piscou-lhe o olho. O olhar de Soren escureceu com desejo.

Gideon sentiu o estômago revirar-se.

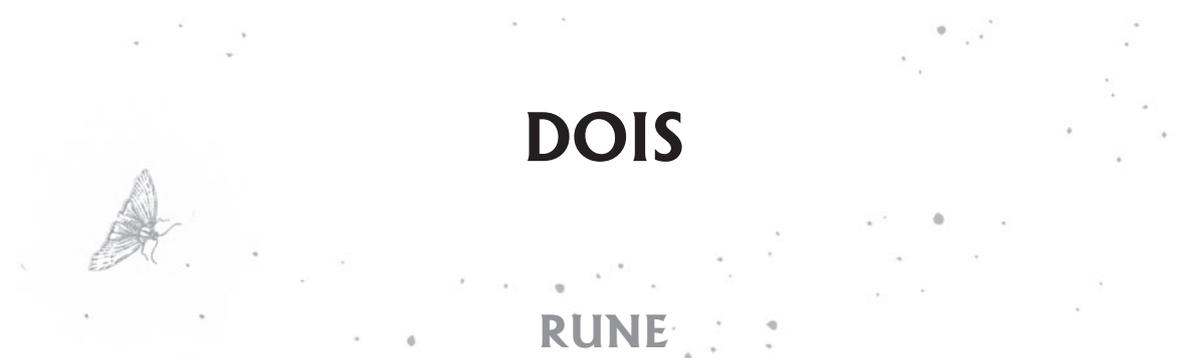
Rune virou-se e afastou-se, deixando Soren e Gideon a observá-la, o vestido a exhibir cada detalhe do seu corpo.

Passou apressada pelos convidados que seguiam em direção às suas cadeiras e pelos guardas ao longo das paredes. Ao aproximar-se da porta, quase esbarrou com uma criada que entrava, parando a tempo. A jovem equilibrou uma bandeja trémula de copos numa mão e segurou uma garrafa de uísque na outra.

Gideon viu Rune trocar algumas palavras com a criada, pegar na garrafa e desaparecer pelo corredor.

Ali estava.

O momento que ele esperara.



DOIS

RUNE

Não chores, não chores, não chores.

As lágrimas ardiam nos olhos de Rune enquanto ela fugia pelo corredor, passando pelos guardas estoicos nos seus uniformes verde-escuros. Estava grata pelos chapéus de aba larga que lhes ocultavam os rostos, impedindo-a de ver o que deviam estar a pensar dela.

Não podia deixar que as lágrimas caíssem. Não ali. Não com todos a observá-la.

Mas, por mais rápido que corresse, não conseguia escapar à melodia que ainda ressoava no salão de baile, cada nota uma seta cravada no seu coração.

A canção de Alex.

A melodia nostálgica transportou-a de volta a Wintersea, às portas da biblioteca, a observar o seu melhor amigo curvado sobre as teclas do piano de cauda, as suas mãos a lançarem um feitiço sobre a sala.

Alexander Sharpe.

Esta canção — a que a fazia fugir — foi a última que ele compôs.

Rune tocou no anel que ainda usava no dedo, enquanto uma onda de pesar crescia dentro dela. Procurou algo que a protegesse daquela dor esmagadora, daquela *falta* insuportável, mas encontrou as mãos vazias.

Foi por isso que precisou de sair dali. Antes que desabasse a chorar no meio de uma festa que celebrava o seu futuro casamento com um príncipe.

Já estaríamos casados.

Ela teria preferido Alex a Soren. Alex era o seu melhor amigo. Além da avó, era a única pessoa no mundo que realmente a amara. Não estava apaixonada por ele, mas, com tempo, talvez pudesse ter estado.

Mas Alex não era a única coisa de que sentia falta.

Se Rune fosse honesta, sentia falta de casa.

Casa.

A palavra queimava-lhe a pele.

No salão de baile, um dos amigos de Soren perguntara-lhe se sentia falta da Nova República, e Rune rira-se da pergunta.

Mas a verdade?

A verdade era que Rune sentia falta da visão dos jardins de Nan, cintilantes com o orvalho. Sentia falta de cavalgar *Lady* pelos recantos mais selvagens de Wintersea. Sentia falta do cheiro do mar, das florestas e dos campos. Sentia falta dos ventos e das tempestades.

Gostava de Úmbria e da sua capital, Caelis. Gostava da arquitetura e da arte, da cultura, das modas e da comida, da ausência de sentimentos antibruxas. Gostava de tudo isso para uma visita ou umas férias. Mas não era ali que pertencia.

Rune não sabia que se sentiria assim quando concordou casar-se com Alex e deixar a Nova República. Não sabia que, ao abandonar a ilha, deixaria também para trás o seu coração.

Pode-se sentir falta de um lugar onde todos te querem morta?

Rune apertou o gargalo da garrafa de uísque. *Pelos vistos, sim.*

Se não houvesse uma dúzia de guardas a observá-la a fugir, Rune teria virado o uísque diretamente da garrafa. As três taças de champanhe tinham-na entorpecido um pouco, aquecendo-lhe o interior e desfocando-lhe a visão. Era assim que passava a maioria das noites agora: num nevoeiro de intoxicação.

Mas, para aguentar *esta* noite, precisaria de mais do que três copos de álcool. Precisaria de uma banheira inteira.

Enquanto a música de Alex crescia, ganhando força, e o som melancólico se infiltrava nos seus ossos, Rune ergueu a saia do vestido e correu, lançando um último olhar por cima do ombro para se certificar de que Soren não a seguia.

Soren. O seu noivo.

Rune estremeceu, a pele ainda dormente em todos os pontos onde ele a tocara.

Mais tarde, quando o recital acabar e os convidados se forem embora, tenho uma surpresa especial para ti.

Um suor frio rompeu-lhe na pele.

Por que raio disse isso?

Rune não tinha nada planeado. Apenas precisava de fugir.

A ideia de estar com ele mais tarde, *sozinha*, dava-lhe a volta ao estômago. Preferiria entrar no mar com os bolsos cheios de pedras pesadas.

Faz com que ele te deseje.

Foi a ordem que Cressida lhe dera quando chegaram a Úmbria: tornar-se irresistível para Soren Nord, um príncipe umbriano.

Era, afinal, o que Rune sabia fazer melhor.

Seduzir homens.

Soren possuía uma frota de navios de guerra. Como antigo almirante da marinha, era um homem viajado e tinha um gosto peculiar por colecionar coisas belas e exóticas. Mas, melhor ainda: era simpático para com as bruxas e dizia-se que procurava uma esposa.

Assim, depois de uma ópera, enquanto Cressida observava dos bastidores, Rune esperou que o príncipe saísse da sua tribuna e plantou-se diretamente no seu caminho. Ele colidiu com ela, entornando vinho no seu vestido caríssimo.

O príncipe ficou horrorizado com a sua falta de jeito. E Rune foi tão graciosa e compreensiva. Para se redimir, ele convidou-a para o balé na noite seguinte. E para o teatro dois dias depois. De repente, passavam todos os dias juntos. A passear, a andar de carruagem. A jantar a sós.

Ele estava completamente enfeitiçado, e Rune alimentava a sua paixão, desempenhando o seu papel na perfeição, até obter o que Cressida queria: um pedido de casamento.

Mas, para surpresa de Soren, Rune recusou-o.

«Não posso casar contigo», disse ela, recitando as palavras que lhe tinham sido dadas. «Não enquanto todas as bruxas não estiverem a salvo.»

Mais especificamente: ela *não* se casaria com ele — a menos que ele desse a Cressida um exército para travar guerra contra a Nova República.

Rune não desejava casar com Soren, nem se interessava em cumprir as ordens da rainha das bruxas. A simples ideia de trabalhar para Cressida deixava-a tonta de autodesprezo.

Mas Cressida salvara-lhe a vida, assim como a de Seraphine. Cressida não queria vê-la morta, ao contrário de Gideon e de todos os outros na Nova República. Mais importante ainda: Cressida queria salvar as bruxas que tinham ficado para trás. Raparigas que estavam a ser exterminadas naquele momento.

Todas as semanas, os nomes de bruxas mortas chegavam aos ouvidos de Rune. A Guarda de Sangue capturara Aurelia Kantor, uma sibila poderosa — uma bruxa capaz de ver o passado, o presente e o futuro. E agora estavam a usá-la para descobrir o paradeiro de todas as bruxas escondidas. Perseguinto-as e executando-as com uma precisão cruel. Por vezes, matabam três ou quatro semanalmente.

As Anciãs sabiam o que estavam a fazer para extrair essa informação de Aurelia.

Em tempos, a Mariposa Escarlata teria resgatado Aurelia. Mas a Mariposa estava ali, no Palácio de Larkmont, meio embriagada de champanhe.

Olha para ti, pensou Rune. A festejar com príncipes enquanto as tuas irmãs são assassinadas.

Ela tinha-as abandonado. E, se Gideon Sharpe não fosse travado, em breve não restaria nenhuma bruxa na Nova República.

Se ainda estivesse na ilha, Rune já teria libertado Aurelia e tê-la-ia contrabandeado para o Continente, protegendo outras bruxas pelo caminho. Mas a única via de entrada era pelo mar, e todos os portos estavam apinhados de caçadores de bruxas e os seus cães rastreadores — criaturas treinadas para farejar magia. Até os navios eram revistados.

Apenas um navio — o *Arcadia* — se recusava a permitir que a Guarda de Sangue e os seus animais subissem a bordo. Mas isso significava simplesmente que os caçadores viajavam disfarçados. E, assim que o barco entrava em águas da Nova República, era revistado, com bruxas identificadas antes de porem um pé na ilha.

Mesmo que Rune conseguisse salvar a sibila, a Guarda de Sangue nunca pararia de caçar as bruxas. Os espiões da Nova República procuravam Cressida Roseblood e a sua corte crescente, e, com uma sibila nas suas mãos, era apenas uma questão de tempo até as encontrarem.

Nunca vão parar de nos caçar.

A única forma de proteger as bruxas era destruir a Guarda de Sangue e derrubar a Nova República.

E a única maneira de o fazer era colocar Cressida de volta no trono.

Rune queria Cressida num trono tanto quanto queria um buraco no peito. A rapariga era vil. Uma assassina a sangue-frio. Mas, comparada com a alternativa — uma sociedade que queria pendurar bruxas de cabeça para baixo, cortar-lhes a garganta e ver o sangue escorrer —, Cressida Roseblood era o mal menor.

Porque, sob o reinado de uma rainha bruxa, pelo menos, as bruxas estariam *seguras*.

Com o apoio de Soren, Cressida garantiria que nunca mais uma bruxa seria caçada.

Cressida estava na capital, em busca de novas alianças, mas regressaria a qualquer momento. Assim que voltasse, ela e Soren assinariam o contrato que os advogados dele haviam redigido, selando a aliança.

E Rune seria obrigada a casar-se com ele.

A porta da casa de banho surgiu no seu campo de visão. Rune fixou o olhar nela. Assim que estivesse lá dentro, poderia desmoronar-se. Apenas por um minuto. E, quando esse minuto terminasse...

Rune empurrou a porta e entrou, deixando-a fechar-se atrás de si.

Velas iluminavam a sala escura, tremeluzindo em candelabros nas paredes e na beira do lavatório. Enquanto se aproximava, destapou a garrafa de uísque e tomou um longo gole diretamente do gargalo. O líquido queimou-lhe a língua e a garganta.

Achei que tinha deixado tudo isto para trás.

Rune pensara que seria fácil. Afinal, estava habituada a interpretar papéis. Fingir-se de noiva apaixonada devia ser simples.

Mas, desde a morte de Alex, os jogos de sedução e as mentiras estavam a esgotá-la. Daí o seu quase colapso em frente aos amigos de Soren. Daí a garrafa de uísque apertada na sua mão.

Depois de fugir da Nova República, Rune pensara ingenuamente que poderia finalmente ser ela mesma. Não uma *socialite* tola e frívola, mas uma bruxa à vista de todos. A *verdadeira* Rune Winters.

Mas quem é ela?, pensou. *Quem é a verdadeira Rune Winters?*

Empurrou a pergunta para o fundo da mente.

Não importa. Cressida precisava de um exército, e Soren tinha um. Cabia a Rune garanti-lo. O que importava era quem ela *precisava* de ser: uma rapariga que destruiria a Guarda de Sangue e garantiria a segurança de todas as bruxas.

Tu consegues. Lembra-te do que está em jogo.

Junto ao lavatório, tomou mais um longo gole de uísque, estremecendo com o sabor, e olhou para o espelho. Lágrimas manchavam-lhe o rosto. Os olhos vermelhos encaravam-na de volta, manchas rosadas salpicando-lhe o nariz e as faces.

O olhar desceu. O vestido dourado que Soren lhe dera não era, de todo, do seu gosto. O dourado servia apenas para pequenos detalhes; de outra forma, chamava demasiada atenção. E o corte era, bem... afiado como uma lâmina. Exibia-lhe o corpo inteiro.

Odiava-o.

Fazia-a pensar noutro vestido. Um que lhe assentava como nenhum outro jamais o faria. Porque quem lho oferecera sabia o que a sua alma precisava, não apenas o seu corpo.

Rune afastou o pensamento antes que este lhe cravasse as garras.

Não pensaria em Gideon Sharpe. Estava *farta* de pensar nele.

Exceto que, ao que parecia, não estava.

Tal como Alex, Gideon também lhe tinha feito uma proposta. Não de casamento, exatamente, mas de uma parceria. De um futuro juntos.

Cerrou os punhos.

O Gideon nunca te amou de verdade. Amou a rapariga que pensava que eras. Por isso, não importa o que te propôs.

Gideon nunca poderia amar uma bruxa.

Não sabia o que era pior: que Alex a tivesse amado ou que Gideon não a amasse.

Rune tinha a certeza de que o capitão da Guarda de Sangue a caçaria — como jurara fazer. Mas já tinham passado dois meses, e ele não viera.

Talvez tenha decidido que não valho a pena a sua vingança.

Talvez já me tenha esquecido.

Rune cerrou os punhos.

Que importava a razão? Ele tinha ido. Saíra da sua vida.

As lágrimas arderam-lhe nos olhos, mais cortantes do que o uísque. Rune deu outro gole, na esperança de que a amortecesse o suficiente para regressar ao salão de baile. Certamente a canção de Alex já teria terminado.

Mas os seus pés recusaram-se a virar e levá-la de volta.

Rune olhou para o anel no dedo e baixou a garrafa.

Ele foi-se. Nunca mais vai voltar. Tiveste dois meses para o chorar. Está na hora de seguir em frente.

Alex entenderia porque tinha de fazer isto. Porque precisava de casar com Soren. Não ia gostar, mas compreenderia. Perdoá-la-ia.

Foi essa ideia de um Alex — bondoso, leal, seguro — a *perdoá-la* que acabou com Rune.

Em vez de se recompor, aconteceu o contrário. Algo dentro dela tentou libertar-se. Agarrou-se aos lados do lavatório de cerâmica, desesperada por o conter.

Mas não conseguiu.

O luto explodiu.

Rune agarrou-se ao lavatório e desabou em soluços silenciosos e trémulos, enquanto a tristeza se enrolava à sua volta como correntes, puxando-a para o fundo com o seu peso. Estava tão submersa nela que quase não ouviu a porta abrir-se atrás de si.

Mesmo com a visão turvada pelas lágrimas, viu um lampejo de verde-floresta refletido no espelho.

Ótimo. Soren mandara um dos seus guardas buscá-la.

Não podia ter cinco minutos sozinha?

Seria assim para o resto da vida?

Enxugando as lágrimas com a palma da mão, procurou o sorriso que usava como arma. Aquele que mascarava o vazio interior. Estava prestes a usá-lo contra o guarda incauto, quando outro relance no espelho a deteve. Reconheceria aquela boca cruel em qualquer lado.

Gideon empurrou o chapéu para trás e apontou-lhe a pistola.

Quando os seus olhares se cruzaram, o coração de Rune disparou como um furacão.

Pensei que já me tivesses esquecido.

TRÊS

GIDEON



Ao erguer a pistola para a matar, Gideon cometeu o primeiro erro da noite.

Olhou para Rune antes de disparar.

Aqueles olhos cinzentos e frios cravaram-se nele. Os mesmos olhos que o assombravam noite após noite. Os olhos da rapariga que queria esquecer.

Porque está ela a chorar?

Gideon apertou o cabo da pistola.

Não interessa. Não quero saber.

Mas não conseguiu ignorar as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Nem a garrafa de uísque — significativamente menos cheia do que quando a agarrou ao fugir do salão de baile.

A visão dela ameaçou rachar algo dentro dele. Uma sensação perigosa, desestabilizadora. Precisava de se blindar contra ela.

— Algumas coisas nunca mudam, pois não?

Rune falou calmamente para o espelho, mantendo o olhar nele. Gideon resistiu ao impulso de percorrer com os olhos as linhas do vestido dourado.

Dispara, maldição.

— Perseguir uma rapariga até à casa de banho com a intenção de a matar faz parte da tua rotina, não é verdade, Gideon Sharpe?

— Engraçado como não consegues manter o meu nome longe da tua boca esta noite.

O olhar dela endureceu como aço.

— O que diria o teu irmão se te visse agora?

Aquelas palavras atingiram-no como uma bofetada. Ignorou a dor, forçando-se a recordar que aquela bruxa era mestre da ilusão. Tinha-o enganado, levando-o a pensar que era uma rapariga inocente. Uma rapariga que o amava. Mas, em segredo, estava a salvar bruxas para fortalecer o exército de Cressida. Sem falar do seu noivado com Alex.

Alex.

— O meu irmão morreu por tua causa.

Ela virou-se para encará-lo, e Gideon não conseguiu evitar. O olhar deslizou pelo corte ousado em V do vestido, agora tão perto dele. Viu demasiado dela.

Engoliu um suspiro cortante.

— Esse vestido fica-te ridículo.

Mentiroso.

Rune mordeu o isco, os olhos a faiscar.

— O Soren discordaria, creio. Mal consegue tirar as mãos de cima de mim.

Um veneno gelado varreu Gideon.

Ela ergueu o queixo e esboçou um sorriso trocista.

Gideon lembrou-se dos dedos dela entrelaçados nos do príncipe. Da generosidade com que distribuía beijos. De como permanecia sempre perto dele, permitindo que a exibisse diante dos amigos.

Nunca fizera essas coisas com Gideon.

Uma lembrança amarga de quão fora do seu alcance ela sempre estivera. Como se permitira acreditar que ficaria com alguém como ele?

Fora um tolo desde o início.

— Elevaste bastante as tuas expectativas — comentou ele. — Apontar para um príncipe.

O rosto dela endureceu numa máscara, mas não era a que ele conhecia. A futilidade da *socialite* que fingia ser tinha desaparecido. Esta máscara era lisa como pedra.

— Pelo contrário. Atualmente, o meu único requisito para pretendentes é que não me queiram morta. A maioria das pessoas chamaria a isso expectativas *baixas*.

— Como queiras. — Gideon endireitou os ombros e ajustou a pontaria, ansioso por acabar com aquilo. — Só estou grato por o Alex não estar aqui para ver a rapidez com que seguiste em frente.

As palavras atingiram Rune visivelmente. As mãos cerraram-se.

— Se o Alex estivesse aqui, não *precisaria* de seguir em frente.

— Até ele descobrir a verdade: que és uma manipuladora do...

Rune atirou-lhe a garrafa de uísque à cabeça.

Gideon baixou-se. O vento da passagem agitou-lhe o cabelo. A garrafa estilhaçou-se contra a parede atrás dele, salpicando-lhe o pescoço com álcool. Um borrão dourado passou por ele num relance e, quase demasiado tarde, Gideon percebeu que Rune corria para a saída.

Esperava um feitiço, não uma garrafa a voar-lhe em direção à cara.

Gideon agarrou-a pela cintura e atirou-a contra a parede. Ouviu o ar a escapar-lhe dos pulmões. Antes que ela recuperasse, prendeu-lhe os pulsos acima da cabeça e colocou um joelho entre as pernas dela, imobilizando-a.

Rune arquejou, fulminando-o com o olhar.

Mantendo-lhe os pulsos presos com uma mão, encostou-lhe o cano da pistola à têmpora.

O cheiro dela invadiu-lhe os sentidos, uma mistura de zimbro e sal do mar. Ameaçando enfraquecê-lo. Engoliu em seco, o coração a bater descompassado. Estava a ser perigoso estar tão perto dela.

— Gostava que o Alex nunca se tivesse metido à frente daquela bala — disse ela. — Devias ser *tu* a estar morto. Queria que fosses *tu*!

As palavras foram como uma lâmina enferrujada no seu estômago.

Quantas vezes não desejara o mesmo?

Lembrava-se demasiado bem: Cressida a exigir que fosse com ela, depois a levantar a pistola e a disparar quando ele recusou. Alex a apanhar com a bala destinada a ele.

Ele ainda conseguia ouvir o grito de Rune. Ainda a via na sua mente, coberta com o sangue do seu irmão, agarrada a Alex enquanto ele morria.

E, no entanto, se Rune nunca tivesse ajudado Cressida Roseblood, Alex estaria vivo. Fora Cressida quem disparara a arma, mas Rune ajudara a escondê-la. Sempre estivera aliada ao maior inimigo de Gideon. Mesmo agora, estava a tentar colocar a assassina de Alex de volta ao trono.

Foi por isso que vieste.

Falhara com a República ao apaixonar-se pela sua presa. Suspeitara que Rune fosse a Mariposa Escarlata — a bruxa criminosa que passara dois anos a caçar — e, ainda assim, apaixonara-se por ela.

Rune nunca amara Gideon. Fora tudo uma farsa elaborada. Todo o tempo que fingira cortejá-lo, estivera apaixonada pelo seu irmão.

O que foi que ela dissera antes do fim?

Alex é um homem dez vezes melhor do que tu serás em toda a tua vida.

Rune fizera Gideon acreditar que alguém como ela podia amar alguém como ele. E foi uma mentira. Ele estava abaixo dela e sempre estaria.

Mas Gideon não quisera ver a verdade.

Quisera Rune.

Porque sou fraco.

Ao apaixonar-se por ela, Gideon falhara com a República que ajudara a construir, com os amigos e soldados a quem jurara lealdade, com os

cidadãos que prometera proteger. Rune enfraquecera-o, e essa fraqueza custara vidas. Continuará a custar, se ele não a erradicasse.

Era por isso que Gideon estava ali. Para arrancar essa fraqueza do coração, eliminando a origem: *ela*. E no vazio que ficaria, verteria aço fundido. Até se soldar de novo. Até ser mais forte e mais frio do que ferro.

Enterrou o cano da pistola na têmpora de Rune.

Ela não vacilou nem desviou o olhar. Apenas o fixou nele. Como se estivesse à espera deste momento. À espera *dele*.

— Força. Puxa o gatilho.

— É o que tenciono fazer.

— Ah, é? *Prova-o*.

Tinha-se esquecido da fúria que lhe acendia os olhos quando estava zangada. Como uma tempestade na qual ele queria entrar sem hesitar.

— Ambos sabemos o que queres fazer comigo, Gideon. Bem, aqui tens a tua oportunidade.

O olhar dele deslizou até à boca dela.

— Nem imaginas as coisas que quero fazer contigo.

De tão perto, ele via tudo: o inchaço avermelhado dos olhos dela, as manchas rosadas no rosto, as lágrimas a secarem nas faces.

O álcool no hálito.

Sabia que Rune ocasionalmente se permitia alguns excessos, mas aquilo era diferente.

Franziu a testa.

— Tresandas a taberna.

— Palavras dignas de um verdadeiro cavalheiro. — A voz dela era um murmúrio rouco.

— Nunca fui um cavalheiro. — Inclinou-se para mais perto. — Se me tomaste por um, a culpa é tua.

Era impossível não estar consciente de cada centímetro dela. Do calor das coxas de cada lado do seu joelho. Da pulsação febril sob a palma da sua mão. Era tão pequena e macia como se lembrava. Perfeita. *Deslumbrante*.

Gideon sentiu um impulso desesperado de segurar-lhe o rosto, perguntar-lhe o que estava errado, obrigá-la a contar-lhe por que razão estava tão perturbada.

Sacudiu a tentação.

Era isto que ela lhe fazia: tornava-o completamente irracional.

Ela é uma sedutora sem coração. Não a deixes enganar-te.

Rune abriu a boca — provavelmente para insultá-lo ainda mais

— quando os gritos de vários guardas os fizeram congelar. Botas ecoaram pelo corredor. Devem ter ouvido a garrafa estilhaçar-se e agora procuravam a origem do barulho.

Gideon olhou em volta. A única saída era a porta atrás dele, que dava para o mesmo corredor. Quando disparasse, denunciaria a sua localização. E sem uma rota de fuga, os guardas encurralá-lo-iam.

Seria praticamente uma sentença de morte. *Pior* do que isso. Se o prendessem, ficaria à mercê de Cressida. Não podia voltar a ser prisioneiro dela. Gideon preferia tirar a própria vida antes que isso acontecesse.

O pulso de Rune acelerou sob o seu polegar. Se ela gritasse, encontrá-lo-iam de certeza.

— Grita por ajuda — sussurrou ele, com a pistola ainda pressionada contra a têmpora dela, enquanto os guardas se aproximavam — e enfió-te uma bala no crânio.

— Se ficar em silêncio, vais matar-me na mesma.

Verdade. Mas Rune parecia querer viver um pouco mais, pois não gritou.

Praguejou contra si próprio por hesitar. Devia ter entrado, disparado e saído. Sem pensar. Apenas agir.

Mas sempre preferira a Rune crua e selvagem àquela que se escondia atrás de uma máscara de elegância e compostura. Se tivesse encontrado a segunda versão dela ali — uma rapariga bela, a retocar a maquilhagem impecável, sem um fio de cabelo fora do sítio nem um vinco no vestido —, provavelmente não estariam a ter esta conversa. Já estaria morta.

Em vez disso, encontrou *esta* Rune.

A *sua* Rune.

Um desastre completo.

A parte mais primitiva de si queria inclinar-lhe a cabeça para trás e beijá-la até ela lhe contar porque estava a chorar.

Não. Cerrando os dentes, afastou o pensamento. *Isso é exatamente o oposto do que quero*.

Mas agora que a ideia lhe ocorrera, não conseguia *afastar* esse pensamento, e a sua mente arrastava-o por caminhos perigosos. Da última vez que estiveram tão próximos, Rune estava sob ele. Na sua cama. Ele adorava-a com a boca, sussurrava promessas deliciosas na pele dela. Haviam-se entregado um ao outro num ato que não podia ser desfeito, e agora ele pagava o preço dessa decisão.

Esta rapariga.

Quisera tanto ser digno dela. Ousara esperar que pudesse ser, tolo como era.

Nunca mais cairei nas suas armadilhas.

— Ajuda-me a entender — sussurrou, ouvindo os passos a afastarem-se, subitamente sentindo necessidade de saber. — Queres realmente devolver a Cressida ao poder, sabendo do que ela é capaz? Anseias por terror e sangue derramado?

— Para aqueles que me querem caçar e abrir-me a garganta? — Rune franziu as sobrancelhas perfeitas. — O que mais deveria desejar para eles?

Ele semicerrou os olhos.

— E quando tudo acabar, e as tuas preciosas bruxas estiverem a salvo, com a tua tirana sentada de novo no seu trono negro, vais estar casada com um príncipe que te trata como um troféu. É isso que queres? Ser exibida como um prémio numa vitrina?

Ela hesitou por um instante e depois ergueu o queixo em desafio.

— O Soren far-me-á mais feliz do que *alguns* homens alguma vez poderiam.

Pensar que beijara aquela boca de onde saíram tais palavras.

— Podes enganar os outros, mas a mim não. Olha para ti, Rune. Estás a afogar-te em álcool só para suportar uma noite ao lado dele. — Fez-lhe lembrar de si próprio, não há muito tempo. E não gostou dessa lembrança. — Vais odiar ser a mulher do Soren Nord.

— Não tens ideia do que eu odeio.

— Tenho uma ideia.

Os olhos dela faiscaram como relâmpagos.

— Não me conheces de todo.

— Talvez não conheça a *Rune Winters* — murmurou, a boca a um fio da dela. — Mas conheço a Mariposa Escarlate. E ela não é uma criatura que se deixa enjaular.

Rune estremeceu.

— Para com isso.

— Tenho pena do homem que lhe cortar as asas.

— Cala-te.

— Diz adeus à tua liberdade, Rune.

— Cala-te!

Ela contorceu-se contra ele, e Gideon quase perdeu o controlo dos pulsos dela. Esquecera-se da força que ela tinha, apesar de ser metade do seu tamanho. Recuou o joelho para recuperar o domínio.

O seu segundo erro.

Rune ergueu o joelho e acertou-lhe em cheio na virilha.

A dor explodiu como uma bomba, cegando-o. A sala ficou branca como uma lâmina de luz. Gideon dobrou-se, colapsando no chão, enquanto a pressão insuportável lhe toldava a visão. Encolheu-se, protegendo-se, caso ela tentasse outra vez.

Rune apanhou-lhe a pistola.

— Isto é pelo que me fizeste passar.

Gideon gemeu, deitado numa poça de uísque, vidro partido e dor.

A porta abriu-se de rompante.

O cheiro a sangue e rosas encheu o quarto quando alguém entrou.

— Ora, Gideon Sharpe — disse uma voz que ainda lhe assombrava os pesadelos. — Mas que agradável surpresa.

A sombra *dela* deslizou sobre ele, gelando-lhe o sangue. Gideon não olhou para cima. Sabia exatamente quem estava ali: uma bruxa de cabelo branco como vidoeiro e olhos frios como um mar congelado.

Cressida Roseblood.

Gideon fechou os olhos.

Merda.

Sempre pensara que era melhor morrer do que cair nas garras de Cressida. Que, se algum dia voltasse a ser prisioneiro dela, encontraria uma forma de acabar com tudo.

Lançou um olhar à pistola, ainda nas mãos de Rune.

Totalmente fora do seu alcance.



QUATRO

GIDEON

Os guardas agarraram os braços de Gideon e puxaram-no para cima, prendendo-lhe os pulsos com algemas atrás das costas. Cressida aproximou-se. O cabelo dela estava húmido, como se tivesse cavalgado através de uma tempestade para chegar ali. E o seu olhar era uma lâmina cravada no peito dele. A dor de Gideon dissipou-se, substituída por um medo gélido.

O seu pior pesadelo tornava-se realidade.

Cressida olhou de Gideon para Rune, que segurava a pistola dele e ainda a mantinha apontada. Uma pergunta brilhou nos olhos da jovem rainha das bruxas, mas não a verbalizou. Apenas estendeu a mão para os guardas, exigindo a chave das correntes dele.

— Ava, preciso de ti — disse Cressida à jovem que entrara consigo. — Todos os outros, saiam.

Gideon reconheceu a rapariga que avançou: Ava Saers. Uma bruxa e antiga artista de cicatrizes ao serviço das Roseblood. Durante o reinado das Rainhas Irmãs, as bruxas abastadas contratavam artistas de cicatrizes — artesãos talentosos que esculpiam marcas de feitiço em belos padrões na pele de uma bruxa. As irmãs Roseblood gostavam de marcar-se mutuamente, mas, em ocasiões especiais, recorriam à arte de Ava. Gideon lembrava-se de a ver esculpir na pele delas com uma precisão quase delicada.

Ela fora uma das primeiras bruxas que a Mariposa Escarlata roubara das celas dele.

O cabelo ruivo de Ava estava apanhado num nó elegante de um lado da cabeça, e o vestido de safira cintilava à luz das velas enquanto ela se dirigia à sua rainha. Devia ser uma das convidadas do recital naquela noite.

Quantas outras bruxas estará Soren a proteger?

Ava abriu a sua bolsa bordada a lantejoulas e retirou uma pequena lâmina.

Cressida desapertou a capa e deixou-a cair ao chão, dando a Gideon uma visão desimpedida dos dois braços. Cicatrizes prateadas cobriam-lhe

cada centímetro de pele, cada uma dolorosamente familiar para Gideon. Um jardim de flores a começar nos pulsos e a entrelaçar-se até aos ombros.

Ava pressionou a lâmina contra a pele de Cressida e começou a cortar, acrescentando pétalas a um lírio no padrão botânico.

O cheiro da magia de Cressida encheu o ar: o toque metálico do sangue misturado com o odor enjoativo a rosas.

Quando Ava terminou, Cress mergulhou os dedos no sangue que brotava. Gideon empalideceu ao ver a rainha das bruxas ajoelhar-se e traçar marcas de feitiço em vermelho-vivo no chão diante dele. A magia adensou-se no ar, deixando-o enjoado à medida que o feitiço se ativava.

Hera invisível e espessa enroscou-se-lhe nas pernas, prendendo-o ao chão. Mas a magia não parou ali: subiu pelos braços, pelo peito, pelos ombros. Imobilizando-o.

Gideon lutou contra o feitiço. Os músculos contraíram-se, os dentes cerraram-se. Como se a sua mera vontade pudesse quebrar as amarras da magia. Mas quanto mais lutava, mais forte era a prisão.

O feitiço de Cressida segurava-o firme.

Mereces isto.

Se não tivesse hesitado ao ver as lágrimas de Rune, se tivesse simplesmente puxado o gatilho, estaria agora a caminho de Caelis, com a missão cumprida.

Cressida ergueu-se e caminhou até Gideon antes de parar.

— Rune? — Ela olhou por cima do ombro. — Ouviste o que eu disse?

Gideon olhou para lá da rainha das bruxas e encontrou Rune ainda na sala, parada a poucos passos deles. Parecia congelada no lugar, a pistola apontada a ele, os olhos cinzentos ilegíveis.

Os olhares deles cruzaram-se. Uma corrente invisível eletrizou o ar.

Acaba com isto. Livra-me deste sofrimento.

Ela sabia o que Cress lhe fizera no passado. Sabia o que Cress lhe faria agora.

— Rune. — Ele fitou-a, suplicante. — *Dispara.*

Os olhos dela eram uma tempestade furiosa. Se puxasse o gatilho, não seria por piedade, mas por algo muito mais forte.

Cressida colocou-se entre eles.

— Entrega a pistola a Ava.

Como um fio cortado, a ordem arrancou Rune dos pensamentos que a enredavam.

— *A pistola, Rune.*

Rune olhou para a arma nas suas mãos. E depois, como uma boa soldado, entregou-a a Ava.

Não olhou para Gideon nem mais uma vez. Apenas se virou e saiu, os estilhaços de vidro a estalarem sob os sapatos. A porta fechou-se atrás dela, deixando Gideon a sós com Cressida e a sua artista de cicatrizes.

Como se não se importasse minimamente.

Ava caminhou até ao lavatório e pousou a pistola sobre a borda de cerâmica, antes de se encarar no espelho e retocar a maquilhagem.

— Olha para nós. Finalmente reunidos.

Ele arrancou o olhar da porta por onde Rune saíra e voltou a concentrar-se no inimigo na sala. Cressida Roseblood era bela — de um modo frio e aterrador. Como estar perdido numa tempestade de neve, sabendo que esta o mataria.

O sangue escorria pelo braço dela e manchava-lhe os dedos. Parou a um passo de Gideon e retirou a faca de feitiços. Pressionando a lâmina curva sob o queixo dele, forçou-o a encarar o seu olhar.

Deslizando o fio da faca pela garganta dele, murmurou:

— Vieste sozinho para Larkmont?

A boca de Gideon secou.

— Sim.

Ela rodeou-o, arrastando a faca pelos ombros, até parar atrás dele. Sentiu-a inserir a chave nas algemas e torcê-la. As correntes caíram no chão.

Tentou alcançar a faca, ou *ela*, mas as mãos libertas ainda estavam presas pelo feitiço dela.

Cressida continuou a circular, arrastando a lâmina sobre o corpo dele, até se posicionar diante dele outra vez. Enganchou a faca na gola do casaco roubado e puxou para baixo, arrancando o primeiro botão. Gideon ouviu o tecido da camisa interior a rasgar-se.

O coração dele martelava no peito.

— E o teu propósito aqui?

— Assassinar a Rune Winters.

Ela prosseguiu, abrindo o segundo botão e rasgando mais a camisa.

— Porquê?

Gideon engoliu em seco.

— Para impedir que assegurasse uma aliança entre ti e Soren Nord.

— E ela ficou feliz por te ver?

Gideon hesitou, sem compreender a pergunta.

Cressida moveu a lâmina num golpe rápido, cortando o casaco e a camisa por baixo. O tecido abriu-se, revelando o peito de Gideon.

O canto dos lábios dela ergueu-se num sorriso ao deslizar o olhar pela pele exposta. Ele conhecia aquele olhar. Fez-lhe irromper um suor frio.

— Roubaste-me tudo, Gideon.

— Tenho quase a certeza de que foi ao contrário.

— Quero perdoar-te. Quero mesmo.

Perdoá-lo?

— Depois de assassinares as minhas irmãs, quis que sofresses. Passei muito tempo a pensar no que faria contigo assim que te tivesse novamente nas minhas mãos. E percebi... bem, estou em *dívida* para contigo.

Ele fitou-a.

Teria enlouquecido?

Cressida agarrou-lhe no maxilar, obrigando-o a encará-la. Os olhos azul-gelo enregelaram-no até aos ossos.

— Fizeste-me perceber o quanto tomava as minhas irmãs por garantidas. O quanto *preciso* delas. Elowyn, Analise e eu somos muito mais fortes juntas. Por isso — os lábios dela abriram-se num sorriso feroz — vou trazê-las de volta.

Definitivamente, estava louca.

— As tuas irmãs não passam de ossos na terra.

Não tinha a certeza disso. Os corpos de Analise e Elowyn tinham desaparecido no caos do Novo Amanhecer. Presumia-se que tivessem sido roubados e profanados, ou atirados para as valas comuns reservadas às bruxas mortas na revolução.

— Oh, Gideon. — Cressida riu. — Achas que eu deixaria as minhas irmãs apodrecer? — Abanou a cabeça, fazendo o cabelo claro esvoaçar como flocos de neve. — Escondi os seus corpos num local seguro. Durante dois anos, conservei-os com magia.

— Isso não é possível.

Mas esta era Cressida Roseblood. Ele sabia do que ela era capaz.

— Um feitiço de ressurreição apenas requer o sacrifício de um parente próximo, alguém com laços de sangue fortes ao falecido. — Ela inclinou a cabeça, semicerrando os olhos. — Poderia fazê-lo de olhos fechados.

— Toda a tua família está morta — apontou Gideon. — Não tens nenhum parente.

— Ah, mas parece que tenho.

Ele franziu a testa. *O quê?*

— Um irmão perdido. — Sorriu. — Infelizmente, não sei quem é ou onde está. Todas as sibilas ao meu serviço não conseguem vê-lo. Alguém o escondeu com um feitiço ancestral, por enquanto.

Um herdeiro desaparecido dos Roseblood?

Um peso de chumbo instalou-se no peito de Gideon. Cressida, sozinha, já era um problema. Podia recuperar o trono, mas teria dificuldade em mantê-lo sem apoio. Com os expurgos, o número de bruxas caíra drasticamente. As pessoas recordavam-se da tirania no fim do Reinado das Bruxas e não acolheriam bem o seu regresso. Precisaria de usar força e medo — e era precisamente por isso que necessitava do exército de Soren.

Será que Rune sabia disto?

Elowyn e Analise eram as mais poderosas — e as mais cruéis — das irmãs Roseblood. Torturaram a mãe de Gideon e foram a razão da morte dos seus pais. Se Cressida as trouxesse de volta, significaria o retorno das três rainhas bruxas. Juntas, acabariam com a Nova República.

— Mas chega de falar sobre isso. — As mãos de Cressida deslizaram pelas lapelas do casaco de Gideon, empurrando-a, juntamente com a camisa rasgada, para longe dos ombros dele, sem desviar o olhar da marca gravada no seu peito.

A marca dela.

— Vamos falar sobre *nós*. Faço isto para o teu próprio bem, Gideon.

— De alguma forma, duvido disso — disse ele, tentando entender o que ela *pretendia*.

— Para te perdoar, preciso de confiar em ti.

Ela aproximou-se, até que apenas um fio de espaço os separava.

Todo o corpo de Gideon enrijeceu com a proximidade dela, o feitiço a mantê-lo imóvel.

— E para confiar em ti, preciso de garantir que és meu. — Ela deslizou suavemente a faca de feitiços sobre as clavículas expostas dele. — *Só* meu.

Não podia voltar a ser o Gideon do passado — o rapaz fraco e patético que rastejava de volta para ela, noite após noite. Como um cão maltratado que voltava ao dono, na esperança de que, desta vez, recebesse carinho em vez de um pontapé nas costelas.

Já não és esse Gideon.

Esse Gideon não tinha escolha. A vida daqueles que amava estava nas mãos dela.

— Não me podes escapar — disse ela. — Mesmo quando estivermos

separados, assombrei cada um dos teus passos. Persegui todos os teus sonhos. Não foi?

Gideon esboçou um sorriso tenso.

— Na verdade, nunca penso em ti.

— Mentiroso. — O seu lábio ergueu-se num rosnado. Encostou novamente a lâmina à garganta dele. — Um cavalo que foi domado uma vez, pode ser domado de novo. Ao amanhecer, estarás a implorar por mim. Tal como nos velhos tempos.

O pensamento aterrorizava-o mais do que qualquer outra coisa.

Gideon manteve o olhar fixo nela, tentando esconder o medo.

— Faz o que quiseres comigo. Não voltarei a rastejar por ti.

Onde aprendera a mentir assim, tão descaradamente, na cara do inimigo?

Talvez tivesse aprendido com Rune.

— Todos os que amo estão mortos — disse, sentindo o aço frio da faca contra a pele. — Não tens nada que ainda me prenda a ti.

Os olhos de Cressida brilharam como gelo.

— Se isso fosse verdade, terias disparado contra a Mariposa Escarlate e saído de Larkmont antes que alguém notasse a sua ausência.

Ele franziu a testa.

— *O quê?*

— Vejo a maneira como olhas para ela, Gideon. Já olhaste para mim assim.

Gideon quase se riu.

— Para a *Rune*? Estás enganada.

— Raramente. — A voz dela soou fria. — Não sou cega. A *Rune* é linda. Compreendo porque estarias tentado.

Tentado?

— O oposto de tentado. O que sinto pela *Rune* está tão morto quanto o que sinto por ti.

Cressida sorriu.

— Muito bem. Vou fingir que acredito. — Pressionou as mãos contra o peito nu dele. Não sabia se a pele dela era fria como a de um cadáver ou se era apenas o efeito que ela tinha sobre ele. — Lembra-te só de uma coisa: não preciso de que sejas voluntário, Gideon. Apenas preciso de que sejas obediente. E eu vou *conseguir* a tua obediência...

Ela encostou a palma da mão à marca queimada no seu peito.

— Deixei algo aqui, no dia em que te marquei. — Tocou com as pontas

dos dedos na cicatriz em relevo: uma rosa dentro de uma lua crescente. O seu brasão. — Um feitiço que planeava ativar há muito tempo, mas nunca tive oportunidade.

Inclinou-se e pressionou os lábios contra a cicatriz.

Gideon estremeceu, o corpo a querer recuar. Mas não importava o que ela fizesse, ele não podia reagir.

— Isto vai doer — murmurou ela.

Doer era um eufemismo.

A dor inundou-o como um relâmpago. Escaldante. Branca e intensa. Como se estivesse a ser marcado novamente. Mas, desta vez, não havia ferro em brasa tirado do fogo e pressionado contra a pele. Não havia carne a queimar.

Mas a dor era igualmente insuportável.

Num momento, Gideon tentava não reagir. No seguinte, gritava.

Parecia interminável, esse fogo. A consumi-lo de dentro para fora. Fazendo-o desejar a morte — ou, pelo menos, o golpe impiedoso do joelho de Rune entre as suas pernas. Essa dor não era nada comparada a esta.

Rune.

Agarrou-se à memória dela. A inclinação desafiadora do queixo. O açoite dos seus insultos. A garrafa de uísque a voar na direção da sua cabeça.

Era absurdo. Odiavam-se. Mas quando Gideon tentava focar-se noutra coisa, a dor voltava a inundá-lo, avassaladora.

Por isso, quando a dor se tornou em agonia, a sua mente fixou-se apenas em Rune. O cheiro da pele dela, o álcool no hálito, o calor do corpo dela pressionado entre ele e a parede.

Mas, em breve, nem a memória dela foi suficiente, e o fogo alastrou-se, devorando Rune, queimando-a para fora dele.

Só quando Gideon implorou pela morte é que a dor cessou.

Cressida afastou a mão, e a dor dissolveu-se. Gideon teria colapsado se não fosse o feitiço que o mantinha de pé. Suor escorria-lhe pela testa e deslizava-lhe pelas costas. Todo o seu corpo tremia da dor.

Ao lavatório, Ava continuava voltada para o espelho, a retocar a maquilhagem.

Cressida deu um passo para mais perto.

— Diz-me que sentiste a minha falta — sussurrou, deslizando a ponta do dedo pelo centro do peito dele. — Diz-me que nunca paraste de pensar em mim.

Gideon tentou acalmar os batimentos acelerados do coração. Tentou manter-se firme. Acontecesse o que acontecesse, independentemente da dor que ela lhe infligisse, não podia ceder. Desta vez, precisava de ser feito de ferro frio e duro, não de carne.

Os olhos dela brilharam como lâminas de gelo.

— Podes ter o meu amor, Gideon. Ou a minha ira.

Haverá diferença?

Deslizando os braços pelo pescoço de Gideon, pressionou-se contra ele, erguendo os lábios para os dele.

— Qual será, querido?

Gideon fixou o olhar na parede atrás dela, tentando preparar-se para o que estava para vir. Se se endurecesse, se se forçasse a não sentir nada — a ser tão impassível como a pistola pousada no lavatório —, não importaria o que ela fizesse.

— Virás para mim de bom grado, ou terei de te obrigar?



CINCO

RUNE

No corredor, Rune encostou-se à porta da casa de banho, os punhos cerrados, a raiva a ferver dentro dela.

O que quer que um dia tivesse sentido por Gideon Sharpe desaparecera. *Desaparecera*. O que lhe percorria agora as veias? Era o oposto do amor; era um *ódio* ardente, insaciável.

Que tipo de rapariga se apaixonava por alguém que despreza a sua própria natureza? Que a quer *morta*?

Uma patética, cheia de autoaversão.

Rune recusava-se a ser essa rapariga.

Esquece-o.

Havia feitiços para apagar memórias. Como gostaria de conhecer um, assim poderia erradicar cada lembrança de Gideon Sharpe da sua mente. Porque, mesmo agora, ele estava mais próximo do que a sua própria respiração. Rune sentia o capitão da Guarda de Sangue como se ele ainda a tivesse encostada àquela parede. O roçar da barba por fazer na sua pele. A boca, a meros centímetros da sua. O calor do olhar dele, a incendiá-la por dentro.

Rune quis gritar. Quis afastar-se daquela porta e seguir em frente, deixando-o para trás para sempre.

Exceto que Cressida estava lá dentro com ele.

Gideon contara-lhe o que a rainha das bruxas lhe fizera. Mas havia coisas que ele *não* dissera, Rune sabia-o. Coisas repugnantes. Coisas que Cressida faria de novo, se ele voltasse a cair nas garras dela.

Ele já está nas garras dela.

Rune fechou os olhos com força.

Era por isso que ele lhe implorara que disparasse: antes morto do que enfrentar o que Cressida lhe reservara.

Ele veio aqui para te matar, recordou-se.

Rune não queria preocupar-se com Gideon — que, *definitivamente*, não se preocupava com ela. Se se preocupasse, não lhe teria apontado uma pistola à cabeça. Não teria ido até ali com a intenção de lhe tirar a vida.

O grito de agonia dele ecoou pelo corredor.

O som atravessou-a como uma lâmina. Como um interruptor a ser ligado.

Rune virou-se para a porta da casa de banho, o coração a martelar-lhe no peito.

Os gritos de Gideon intensificaram-se.

Rune cerrou os punhos com tanta força que as unhas se cravaram nas palmas das mãos. Podia odiá-lo pelo que fizera. Ele podia ser o seu pior inimigo. Mas isso não impedia que a dor dele a despedaçasse por dentro.

O que é que ela lhe está a fazer?

Rune deu um passo em direção à porta. Agarrou no puxador, prestes a abri-la. Queria...

Fazer o quê?

Ajudar Gideon implicaria desafiar Cressida. E, por muito que Rune fosse valiosa para a rainha das bruxas, não era *indispensável*. Rune não podia simplesmente entrar ali e dizer-lhe para parar. Cressida rir-se-ia na sua cara — ou pior: feri-lo-ia ainda mais.

E mesmo que *conseguisse* resgatá-lo, Gideon tentaria matá-la novamente — e provavelmente conseguiria da próxima vez.

Mas, e se eu não fizer nada?

Quando os gritos de Gideon cessaram, o silêncio foi pior. Pelo menos, enquanto gritava, Rune sabia que ele estava vivo.

Ele acabou de tentar assassinar-te! Não merece a tua piedade, nem a tua ajuda.

No corredor, algo não largava Rune. Algo que ela não conseguia afastar.

Gideon tinha tido a vantagem naquela sala. Poderia ter disparado muito antes de ela olhar para o espelho e vê-lo. Provavelmente, poderia tê-la matado antes mesmo de ela *entrar* na casa de banho.

Então, porque hesitou?

Não deveria importar-lhe. Nem um pouco. Nem sequer um fragmento.

— Rune!

Olhou para trás e viu Soren a correr na sua direção, sem a capa, com as abas do casaco a esvoaçar. Quatro soldados acompanhavam-no.

— Disseram que foste atacada...

Rune precisava de largar o puxador. O príncipe era o seu dever, não Gideon.

— Vou levar-te para os meus aposentos. — Soren agarrou-lhe no braço e forçou-a a encarar-lhe o rosto. A expressão dele era impassível enquanto

lhe percorria o corpo com o olhar, verificando se estava ferida. — Esse demónio pode não ter agido sozinho. Podem estar outros assassinos escondidos nos meus corredores.

Rune olhou de relance para a porta da casa de banho. *Mas eu não o posso deixar.*

— Não vou deixar que te faça mal. — Ele puxou-a para longe. O cheiro intenso do perfume dele queimou-lhe o nariz. — Vais ficar nos meus aposentos. Vou colocar os meus guardas pessoais à porta.

— Mas eu...

— Quero que fiques lá até te dizer que é seguro sair.

Rune fitou a porta da casa de banho por cima do ombro. Queria que se abrisse. Queria que Cressida trouxesse Gideon e o entregasse aos guardas do palácio, que o levariam para as celas sombrias sob Larkmont, onde ele poderia apodrecer sem que Rune se importasse.

Mas a porta manteve-se fechada. E agora já ficava para trás, e o peito dela apertava-se, e, quando Soren a puxou para uma esquina, desapareceu de vista por completo.

Rune sentiu-se enjoada.

Tenho de fazer alguma coisa.

Mas o quê?

Não tinha como pedir a Soren que voltasse atrás. E não era como se Cressida fosse parar de magoar Gideon só porque Rune queria. Teria de a forçar — e isso era impossível. Cressida era uma bruxa muito mais poderosa, apesar dos avanços de Rune sob a tutela de Seraphine nos últimos dois meses.

E Cressida era a única esperança que tinham de salvar as bruxas que deixaram para trás.

Rune não podia desafiá-la.

— Estou a começar a perceber o perigo em que vives — disse Soren. Dois guardas abriram as portas do quarto e ele empurrou Rune para dentro. — Podia *matar* esse homem.

— Seja o que for que lhe faças... — Rune observou os guardas fecharem as portas atrás deles. — A Cressida fará pior.

As lâmpadas estavam apagadas. Os olhos de Rune demoraram a ajustar-se à penumbra. O cheiro intenso de incenso pairava no ar, uma mistura de canela e sândalo. Quando os contornos do quarto se tornaram mais nítidos, Rune reparou nos detalhes: uma cama de dossel, um guarda-roupa, um toucador.

— Vou trancar-te aqui dentro — disse Soren. — Voltarei quando tiver a certeza de que o palácio está seguro e que já não corres perigo.

Rune não estava a ouvir. Ainda pensava no facto de não ter poder para impedir Cressida de magoar Gideon. Nenhuma vantagem. Nada para trocar por ele.

Mas o Soren tem.

O pensamento brilhou dentro dela.

Soren já se virava para a porta. Aquela era o seu domínio. O *reino* do seu pai. E, além disso, Cressida precisava desesperadamente do exército dele.

Rune não podia pedir-lhe para salvar o homem que tentara assassiná-la. Mas não precisava que Soren salvasse Gideon. Só precisava que o afastasse de Cressida.

— Portas e guardas não me manterão a salvo — soltou de repente.

Soren parou e olhou por cima do ombro, analisando o seu estado descomposto. Rune sabia como parecia: lágrimas secas no rosto, a pele marcada, a imagem perfeita de uma vítima. Por baixo da sua fúria — como ousava outro homem tocar na *sua* noiva? — estava o mesmo olhar que ela lhe vira antes.

Fome.

Por *ela*.

Normalmente, essa fome fazia Rune sentir-se como um animal encurralado. Mas, esta noite, usá-la-ia a seu favor.

Puxou-o para a cama. Afastando o dossel, agarrou-lhe nos ombros e empurrou-o para baixo, até ele se sentar na borda do colchão, as botas impecavelmente polidas colocadas no chão.

— Nunca estarei em segurança enquanto a Cressida não recuperar o trono — declarou, mantendo o olhar firme no dele. Levantando o vestido até às coxas, Rune trepou-lhe para o colo, montando-o, e entrelaçou os braços atrás do seu pescoço. — Estarei sempre em perigo até que a Cressida, com a ajuda do teu exército, mate todos os caçadores de bruxas.

Rune ignorou a repentina rigidez nas calças dele. Se não estivesse preocupada com Gideon, teria ficado enojada. Mas apenas metade dela estava ali; a outra metade encontrava-se na casa de banho.

Era isto que fazia bem: seduzir. Iludir. Tecer teias de mentiras para apanhar a presa.

— Preciso de confessar uma coisa — murmurou contra a sua bochecha barbeada. — Antes desta noite, não tinha certezas quanto a este noivado.

Pensei que só querias casar comigo para me exibir, como se fosse uma peça rara de arte.

As mãos dela deslizaram até às dele, guiando-as até às suas ancas.

O olhar de Soren desceu do vestido dourado amarrotado à volta da cintura até à pele pálida das suas coxas.

— E agora? — sussurrou.

Ela acomodou-se melhor no seu colo.

— Agora? Acho que o destino interveio na ópera. Acho que ele quis que me protegesses.

— Hum — murmurou ele, baixando os lábios até ao seu pescoço.

Rune inclinou a cabeça, oferecendo-lhe um melhor acesso. Normalmente, teria recuado ao sentir os seus beijos. Agora, não sentia nada. Já jogara este jogo centenas de vezes. Foi assim que salvara tantas bruxas.

Mas, esta noite, sentia-se uma estranha dentro do próprio corpo. Como se não fosse realmente ela sentada no colo de Soren, nem as suas mãos as que lhe percorriam o cabelo. Como se esta rapariga fosse um fantasma, enquanto a verdadeira Rune de carne e osso estivesse noutro lugar.

Teceste a teia, lembrou-se. Agora atraí a presa.

Cada minuto perdido era mais um minuto em que Gideon permanecia à mercê de Cressida.

— Lembras-te da surpresa de que falei? — perguntou, fingindo um pequeno suspiro quando os dentes de Soren roçaram a sua clavícula.

— Como poderia esquecer? — murmurou ele contra a sua pele.

— É um feriado — disse. — Vamos passar o fim de semana a Caelis. Já tratei de tudo. Os jantares, o bailado, o hotel...

Ao ouvir a palavra *hotel*, Soren afastou-se. Os seus olhos azuis escureceram, as pupilas dilataram-se. Provavelmente, já a imaginar o que significaria estarem sozinhos num quarto de hotel.

Forçando Rune a imaginá-lo, também.

Um dia, terei de passar todas as noites na sua cama.

E, em breve, não seria apenas um fim de semana. Depois do casamento, seria o resto da sua vida.

A pele dela arrepiou-se.

As mãos de Soren vagueavam livremente agora. Subindo-lhe pelas coxas. Por baixo do vestido.

Conheço a Mariposa Escarlate. E ela não é uma criatura que se deixa

enjaular. A voz de Gideon roçou-lhe a mente como um sussurro. Tenho pena do homem que lhe cortar as asas.

Rune agarrou nos pulsos de Soren, travando o seu avanço.

— Preciso de que faças algo por mim.

A respiração dele saiu em espasmos.

— Sim?

— Sela a aliança com a Cressida esta noite. E amanhã podemos celebrar em Caelis.

Segurando-lhe a nuca com ambas as mãos, Soren inclinou o rosto dela para si.

— Está bem — disse, aproximando-se para outro beijo. — Vou encontrá-la assim que...

— Não. — Rune colou-se ainda mais a ele. — Encontra-a *agora*. E não aceites um não como resposta.

— Está bem, está bem. — Soren soltou uma gargalhada, interpretando-a completamente mal. Apertou-lhe as coxas. — Considera-o feito, minha querida.

Arrastando-se para longe de Rune e da cama, lançou-lhe um último olhar faminto antes de ordenar aos soldados que montassem guarda à porta.

E, depois, trancou-a lá dentro.